



ANCESTRALIDADES **pontos de vista e de vida das crianças da** **Comunidade Quilombola do Piratuba, Abaetetuba** **(PA)**

Eliana Campos Pojo Toutonge
Wanessa Gomes Rodrigues
Wilma Cardoso Ferreira
(Autoras)

ABAETETUBA/PA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Professora Conceição Solano / UFPA-Abaetetuba-PA

T736a Pojo, Eliana Campos Toutonge

Ancestralidades: pontos de vista e de vida das crianças da
Comunidade Quilombola do Piratuba, Abaetetuba (PA) [recurso
eletrônico] / Eliana Campos Pojo Toutonge, Wanessa Gomes Rodrigues;
Wilma Cardoso Ferreira. — Abaetetuba: Ed. Abaeté, 2024. (Crianças
amazônidas)
PDF (24 p.): il. color.

Acesso: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/175>
ISBN 978-65-86640-92-2

1. Quilombolas – Abaetetuba (PA). 2. Crianças. 3. Ancestralidade.
4. Quilombolas – Educação – Abaetetuba (PA). I. Rodrigues, Wanessa
Gomes. II. Ferreira, Wilma Cardoso. III. Título.

CDD 23. ed. 371.82098115

Elaborado por Luciane Silva da Silva – CRB-2/1632

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer as pessoas da Comunidade Quilombola Piratuba pela acolhida e recepção durante o desenvolvimento do projeto, em especial a receptividade da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Nossa gratidão às crianças participantes, que socializaram conosco suas vidas por meio de histórias, sorrisos, brincades e acontecimentos do dia a dia e, de modo simples, nos ensinaram a ouvir/falar cada um/uma a seu modo e tempo. Pela partilha de histórias lendárias, imaginadas, reais e de vida vivida.

Somos imensamente gratas pela parceria firmada com a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e as lideranças Wilma Cardoso Ferreira, Raissa Assunção e o diretor Giovane Gonçalves dos Santos, pelo apoio e parceria neste trabalho.

Agradecemos ainda, o apoio institucional subsidiando com material didático entre outros, além da bolsista. Aqui, fazemos destaque a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX-UFGA) vínculo do projeto e ao Grupo de Pesquisa e Extensão De Bubuia Amazônica (UFGA/CNPQ).

E a todos que contribuíram direta e indiretamente com este trabalho.

PREFÁCIO

Esta singela obra apresenta um pouco da história de uma comunidade tradicional localizada no município de Abaetetuba(PA). Tratou de um trabalho educativo pela Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba, cuja atuação ocorreu por meio do projeto de Extensão “Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças”, realizado nesta comunidade tradicional, Quilombo Piratuba, situada na PA-252, no referido município.

Ocorreu na Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com a participação de crianças de Educação Infantil. Sendo a discussão focada na Criança e Ancestralidade, direcionada diversidade afro-amazônida, desde o valor do saber e da importância para o mundo. Assim, teve como objetivo mostrar como as crianças vivem e convivem hoje com suas ancestralidades passadas de geração em geração, deixadas pelos seus avós, bisavós, pais, mães etc. Como a cultura, os costumes e as tradições podem estar no currículo escolar, de forma que não seja esquecida, mas avivada diariamente. A perspectiva acentuou alguns traços ancestrais presentes na aprendizagem desses estudantes, porém, por métodos coloniais e que agora estão, oportunamente, sendo confrontados por processo pedagógicos que pautam o saber dos antepassados e das crianças.

Uma das formas, se processou com o educar-se e educar por meio da contação de histórias em uma sementeira dialógica e de conhecimentos deixados pelos ancestrais do Quilombo Piratuba. Exemplos, são as histórias das visagens que foram e/são contadas de pai pra filho, a Matinta Perera, Curupira, o Tocão, a Carroça. Além, de fragmentos da história da formação do território quilombola do ramal do Piratuba, sendo a primeira família a do senhor Estulano com sua esposa e seus vinte e quatro filhos.

Em síntese, esta obra traz histórias, desenhos e imagens de como essas crianças ainda utilizam os valores, os recursos, os costumes, as tradições, as culturas, a religiosidade deixada por aqueles que já se foram, transmitidos de maneira lúdica e divertida. Esse processo de educar-se e educar pela fala e narrativa foi importante, fazendo com que os envolvidos pudessem entender um pouco mais sobre como vivem as pessoas de uma comunidade tradicional, uma comunidade quilombola, para além de preconceitos.

São histórias ricas de conhecimento e reconhecimento de uma ancestralidade afro-amazônida, ainda, entre nós. Desta feita, o igarapé é central no território – uma fonte de recurso natural, além de constituir-se uma marcador de diferença, de vitalidade social útil para os brincar e a ludicidade de crianças e adultos por diversas gerações, ou seja, o igarapé é usado para lavar roupa, tomar banho, o lazer com os amigos e, principalmente, o brincar das crianças, então, precisamos seguir com o igarapé Piratubão.

Wilma Cardoso Ferreira
Liderança/Presidente Associação Quilombola da Comunidade Piratuba

APRESENTAÇÃO

O Grupo **De Bubuia Amazônica** e as crianças da Comunidade quilombola Piratuba, estão felizes em apresentar a você este livro tematizando sobre uma vertente ancestral afro-amazônida cuja ação ocorreu por meio do **Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças**[1], sob a coordenação da professora Eliana Pojo. Assim como você, esses caboclos mirins também gostam de brincar na natureza, ouvir histórias e da cultura local. E, para que a floresta, o rio, a terra e as pessoas da comunidade que vivem continuem existindo, todos/todas precisam conhecer a Amazônia e suas ancestralidades, aprender dar valor e saber da importância para o planeta. Por isso, neste livro falamos de gentes, saberes, rituais com as águas e com a terra, de coisas e simbolismos amazônicos. Falamos da comunidade quilombola pelo que é ancestral em resistência e persistência, de ontem, hoje e pensando adiante. Falamos pelas vozes, pontos de vista e de vida das crianças. De, crianças, em idade de Educação Infantil e que gostam de viver no território.

O projeto intuiu trazer o continente africano para mais perto das crianças pelas histórias, precisamente por meio de oficinas de contação de histórias. Ou seja, perspectivamos intercambiar raízes africanas e o saber local amazônico em expressões e pensamentos. Tivemos como desafio vivenciar entre crianças e acadêmicos (licenciatura em Pedagogia), de maneira divertida, lúdica e de aprendizagem afrodíaspóra, se contrapondo, infelizmente, ao que acontece na escola. O esquecimento da ancestralidade afro-amazônida. Pensamos que existe, concretamente, um déficit do saber ouvir bem como de narrar histórias, conseqüentemente, a ausência da ancestralidade amazônica e brasileira por parte de todas as pessoas. De outra forma, as matas, as terras, os rios e os habitantes de territórios tradicionais constituem vários mundos sociais, porém pouco acessado pelas crianças desde uma perspectiva de narrativas negras e para além do senso comum.

Assim, esperamos que as fotos, narrativas e desenhos das crianças levem você e, também, sua imaginação até o coração da floresta amazônida sob uma vertente ancestral, isto é, de quem somos e onde estamos, que fios nos tecem. E tomara que um dia você consiga conhecê-la (ou passe) a valorizá-la ainda mais!

Obrigada, meninos e meninas, da comunidade quilombola do Piratuba, Abaetetuba (PA)!

Em pleno verão amazônico, Abaetetuba (julho, 2024).

As autoras

SÚMARIO

Agradecimentos	3
Prefácio	4
Apresentação	5
1- Sobre a Comunidade Quilombola Piratuba	7
2- Relações entre criança e ancestralidade	8
3- A oralidade é o que dizem e contam as crianças do Piratuba?	13
4- Um pouco mais, do Quilombo Piratuba	16
Costumes e tradições	16
Brincares e Ludicidade	16
Histórias do Piratuba	16
Caminho da Escola.....	16
5- O território vivido com seus elementos: desenhos que narram.....	17
Referências.....	23

SOBRE A COMUNIDADE PIRATUBA

A história da Comunidade Quilombola Piratuba, inicia no século XX com a chegada dos primeiros habitantes, provavelmente por volta de 1905 vindos pelo rio Moju. Sendo a primeira família, a do Senhor Estulano, sua esposa e seus vinte e quatro filhos, que segundo relatos dos moradores antigos daqui, atravessou o rio Moju e adentrou as matas cruzando as terras, conhecida como Santa Cruz. Essa família se fixou ocupando terras às margens do igarapé Piratuba.

Piratuba é uma palavra originária da língua tupi-guarani onde, pira é de piracema e, tuba, fartura de peixe. Essa fartura também, à época, se constituía pela agricultura bastante cultivada com a mandioca, o milho, maxixe, café, arroz, tabaco e outros.

O Piratuba é repleto de elementos naturais e forma sociais de viver que estão presentes no cotidiano de seus moradores. A fala: *eu vou tomar banho no igarapé todo dia depois da escola* (Miguel, 06 anos) foi recorrente nos pontos de vista das crianças situando parte da realidade local.

E, sobre o aguatório do Piratuba, na visão da professora e liderança quilombola, Wilma C. Ferreira (2024):

O Piratuba ele vem do Igarapé daqui da PA, 252 e vai cortando todo o território e deságua no rio Moju. O igarapé enche no inverno mesmo porque a água dele tufa mais um pouco. No verão, ele não seca total, mas tem uma baixa grande da água. É um braço de rio, a gente realmente ainda não sabe de onde a nascente vem. Sabe que ele atravessa a PA-252 e deságua no rio Moju.

Para ela: *Viver aqui é conviver com essa beleza que temos. Eu amo minha comunidade, um lugar bonito, maravilhoso, tranquilo, farto, graças a Deus. Até mesmo porque Piratuba tem esse nome, devido no passado ter realmente, sustentado, a vida no quilombo, pela fartura de peixe.*



Imagens 1 e 2 - Entrada ramal do Piratuba. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.

RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E ANCESTRALIDADE

Partimos da ideia, do reconhecimento dos valores e costumes de um povo ou comunidade, da sua cultura como legado de/entre gerações. Assim, dialogar com crianças constitui-se um ato político na escola e na comunidade quilombola, pois como mostra Oliveira (2012, p. 29), pensar o ancestral, quilombola, diz de uma afrodiáspora como “signo de movimentos complexos, de reveses e avanços, de afirmação e negação, de criação e mimese, de cultura local e global, de estruturas e singularidades, de rompimento e reparação”. Como vemos, a temática da ancestralidade afro-amazônida no espaço escolar e com crianças pequenas, nos desafia a entendermos melhor sobre a África entre os povos latino-americanos, em fronteiras territoriais e outros paradigmas humanos e de educação. Diz da validação da Outra história, também presente na nossa brasilidade, desde o continente africano entre nós. Portanto, o tripé ancestralidade-criança-oralidade com/entre crianças também é uma forma de reconhecer o território e os/as sujeitos/sujeitas quilombolas, sendo aprendidos ludicamente e como matriz formadora.

Sobre outra história, não nos esqueçamos. A construção da identidade cultural e social de diversas regiões do mundo está impactada por papéis fundamentais desempenhados pelos primeiros povos, negros, indígenas, caboclos e outros. Os legados preciosos que preservam as histórias, tradições e conhecimentos ancestrais continuam a influenciar e tornar ricas as sociedades contemporâneas. Trabalhar na construção de sociedades inclusivas e justas requer reconhecer e valorizar a diversidade dos povos/comunidades, em especial, em nosso continente, desde a preservação das línguas indígenas, o saber dos povos até o festejo das expressões culturais afrodescendentes. Ainda, isto se faz necessário para a contribuição de uma sociedade justa e sem preconceitos. Como afirma Abramowicz e Oliveira (2012, p. 40) a diversidade “[.] está ancorada na experiência negro-africana em solo brasileiro, que mantém e atualiza sua forma cultural seja na capoeira angola, no candomblé tradicional, na economia solidária das favelas etc.”, nas experiências infantis das crianças em seus modos próprios e partilhados com seus ancestrais conforme trazemos nesta vivência.

Sendo assim, observamos que o território como território vivido e com os elementos naturais/sociais, encontra-se editado pelas narrativas das crianças, e coisas como rios e as águas, a mata e animais como peixes, galinhas, cachorros, cobras, ratos e passarinhos fazendo parte da natureza do lugar e que compõem as leituras de mundo, as falas e as histórias infantis. Nesse território vivido, observamos as crianças em circulação em relações estreitas com saberes e experiências, talvez por isso, afirmam gostar de viver ali, sobressaindo suas vivências de banhos no igarapé, no chamado braço do Piratuba ou no Piratubão.

Outra prática comum das crianças, diz respeito ao acompanhamento com adultos às atividades de trabalho dentro da comunidade, como exemplo, frequentam, às vezes, a roça com o pai ou a mãe.

Sobre ancestralidade, Sodré assim define: [...] o conjunto das relações de ascendência e descendência regido por uma ancestralidade que não se define apenas biologicamente, mas também política, mítica, ideologicamente (Sodré, 2002, p. 74). Este autor, acentua a ancestralidade como patrimônio que transcende a posse econômica e é adquirido fora dos limites das relações biológicas, por construções simbólicas. Portanto, defende a ancestralidade como um patrimônio imaterial e intangível que se transmite através do fluxo contínuo de ascendência para descendência e é composto por uma ampla gama de conceitos, valores, filosofias e sabedorias. No caso em questão, a ancestralidade é um componente essencial da civilização africana em nossa brasilidade. Ela se organiza e legitima a partir da vida coletiva e é fundamental para a afirmação da identidade local.

Enquanto para Oliveira:

A ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural [...] e gesta projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros (Oliveira, 2007, p. 03-04).

A autora discute a apreciação da ancestralidade como um sinal de luta por direitos afrodescendentes. Ela enfatiza a importância dessa conexão com as raízes históricas e culturais para construir um projeto sociopolítico baseado em princípios como inclusão social, respeito às diferenças, convivência com o ambiente, valorização da experiência dos mais velhos, diversidade etc. Significa, então, que a luta pela construção de uma sociedade justa e equitativa, onde a cultura e os valores ancestrais sejam reconhecidos, depende desses componentes pontuados pela autora.

Para o indígena Daniel Mundurucu (2000, p. 3) nós temos uma ancestralidade, uma tradição que precisa ser continuada e costurada todos os dias, pois: “somos a continuação de um fio que se constrói no invisível. Pensem nisso... somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás... vindo de outros lugares... iniciado por outras pessoas... completado, remendado, costurado e... continuado por nós” (Mundurucu, 2000, p. 3)

Em sua visão, nos sedimentarmos socialmente em termos ancestrais e sob um enfoque educativo, requer colocar as crianças em investigação de seus antepassados, porque para o autor, a responsabilidade e o respeito pela história dos outros crescem com a consciência de que somos os continuadores da própria história, logo pautar no ancestral é essencial. Trazendo as histórias, angústias, sua humildade e comprometimento. Em síntese, tem importância que as crianças possam conhecer o legado dos seus antepassados. Dessa forma, a ancestralidade representa um vínculo profundo com as raízes culturais e espirituais de um povo. Este autor, entende a ancestralidade como uma conexão vital que transcende o tempo e o espaço, fundamentada na preservação e na transmissão dos conhecimentos tradicionais dos ancestrais.

Ferreira (2005) ao discutir ancestralidade remete a ideia de identidade transitória, um processo aberto e em permanente construção, nesse sentido afirma a autora que “a ancestralidade nos abre e nos apresenta possibilidades de religação com nosso tecido social originário: nos religa aos nossos” (Ferreira, 2005, p. 213). Tal assertiva nos mostra que o ancestral também é a vivência de um ser humano, ampla, histórica e avivada na comunidade. Dessa forma, as crianças apresentam um pouco assim, quando narram, oralizam, percebem o território como o lugar do ancestral que se atualiza diariamente. Para ilustrar, em uma das visitas à comunidade vimos dois senhores limpando o igarapé e junto deles estavam algumas crianças, umas banhavam-se, outras brincavam de pesca e outras apenas observavam a limpeza do rio e o rio. Tal situação, nos fez refletir também, a afirmação de Brandão (1993), quanto a socialização de uma comunidade aprendente em que fazem, ensinam, explicam e servem como exemplo a outros, que desejam o saber. Saber transmitido também por meio da oralidade.

Ainda, Sousa e Souza (2001, p. 153) dizem que a história e a memória de vários povos africanos entram e permanecem como parte da nossa cultura. E mais,

No Brasil, uma das matrizes que informam a tradição oral diz respeito às influências dos africanos aqui escravizados que para cá vieram, guardiões e guardiãs responsáveis por recriar a memória dos fatos e feitos de seus antepassados, ressignificando a vida nos novos lugares de morada. Foram também poetas, músicos, dançarinos, estudiosos, mestres, conselheiros, denominados, de modo geral, como contadores de histórias (Sousa; Souza, 2001, p. 154).

Posto isto, as culturas indígenas, caboclas, negras se organizaram também entrelaçada com a cultura africana, suas raízes históricas nos situam desde a organização social como mencionamos. Como afirma Munanga (2009, p. 38) a África atravessa o Brasil que conhecemos, assim “A africanidade é esse rosto cultural único que a África oferece ao mundo”. Logo, nossa ancestralidade amazônica também carrega consigo as heranças e tradições dos que vieram antes e deram continuidade, vindos também da África. Desta feita, a história de suas raízes é acentuada pela tradição oral, com legado gerador de saberes e de pessoas conscientes do seu papel na sociedade.

Abramowicz e Oliveira (2012, p. 50), alertam sobre a importância de que desde os pequenos se ouça e aprenda sobre ancestralidade. Afirmam as autoras que não é possível uma sociologia da infância brasileira que não leve em conta a raça e o pensamento da criança como produtora de cultura, e que, a partir da década de 90 os indicadores sociais e econômicos do Brasil passaram a mostrar o tamanho e o grau da desigualdade no que se refere a raça, tendo o número de racismos denunciados nessa década aumentados de maneira exacerbada. “Quando todos são pobres, incidem sobre a criança negra desempenhos escolares inferiores. Sobre a mulher negra, sua renda é inferior em relação às mulheres brancas na mesma profissão [...]” (Abramowicz; Oliveira, 2010, p. 50).

Pelo projeto, observamos a continuidade de um legado apresentado/percebido pelas crianças, que estão em maior proximidade com os costumes deixados pelos nossos ancestrais, assim falas como: *A professora nos ensina sobre o carimbó, pra gente saber o que é* (Samily, 06 anos); *Eu tomo banho no rio, eu pesco, eu brinco, eu pego peixe, faço farinha* (Tayson, 06 anos), nos mostram este legado de outrora e presente na atualidade.

A fala *eu vou todo dia tomar banho com minha irmã antes de ir pra escola*, também é uma prova que as crianças mantêm o convívio com os elementos naturais/sociais existentes na comunidade bem como um levante ancestral que se atualiza como narrativa de vida no território quilombola. Isso mostra a evidência de um saber passado pela cultura do cuidado com a natureza e de entretenimento no igarapé, sendo um processo de transmissão e valorização daquela cultura.

Imagens 3 e 4 - Crianças nos espaços do território. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.



Em suma, as crianças contam suas histórias bem como se envolvem na ciranda de outras histórias – a dos livros. Assim, estão postas relações entre criança e ancestralidade, mediadas por histórias, memórias, ligações com o ancestral dos rios como territórios de luta e de movências de resistência, com águas que banharam corpos livres e em deleite, após um dia de trabalho na mata ou no quintal entre tantos outros aspectos. São relações de enraizamento com a cultura, com costumes e histórias transmitidas por gerações.

No compartilhamento com seus familiares e pessoas da comunidade através da oralidade ou, mesmo dos livros, as crianças ainda conhecem um pouco de suas raízes. Estão em marcha, produzindo conexões com costumes, valores e histórias do quilombo.

A ORALIDADE E O QUE DIZEM E CONTAM AS CRIANÇAS

Na Educação Infantil falar/ouvir é fundamental. Nesse sentido, a oralidade na educação das crianças associamos ao que Benjamim (1987), considera como a arte de contar, de fazer o percurso de uma experiência, cujas condições de realização estão escassas na atualidade. Assim, uma “comunidade da experiência funda a dimensão prática da narrativa tradicional. Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito” (p. 11). Ou seja, aguçar as crianças falarem, contarem e expressarem suas histórias e pontos de vista, significa também ativar tradições e memórias comuns de um determinado grupo/comunidade, ao mesmo tempo garante afetar-se na experiência coletiva ligada de um tempo, vagaroso e apreciado, o tempo social e da cultura em movimento. Da ancestralidade movente e viva. Logo, vemos que a oralidade da criança do Piratuba, está entrelaçada por suas vivências. Vivências sendo pronunciadas por meio de atividades comuns no quilombo com as quais interagem, conforme podemos observar nas falas.

Quadro 1 – Vivências com/no ambiente

CRIANÇAS	O TERRITÓRIO VIVIDO
Tayson Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Meu pai me leva pra fazer farinha, porque tem um retiro de farinha na minha casa. Também, eu vou caçar com meu pai, mas ele não deixa eu entrar muito pra dentro da mata, porque tem lama.</i>
Miguel Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Ele mata tatu na roça e pega peixe, e eu vou com ele, às vezes.</i>
Cassio Souza da Costa (06 anos)	<i>Uma vez, eu com meu pai, a gente tava lá dentro do mato e tinha uma cobra venenosa, era preta e vermelha, aí o papai matou ela com um pedaço de pau.</i>

Fonte: Projeto de Extensão, 2023. Org.:As autoras.

As crianças contam sobre o que vivem. Nesse aspecto, sua vida brincante é central, por isso suas produções são evocadas.

Quadro 2 – Narrativas de vivências

CRIANÇAS	O QUE NARRAM DAS VIVÊNCIAS
Samilly Cardoso Ferreira (06 anos)	<i>Meu pai me leva pra tomar banho de igarapé e eu brinco de pira pega n'água com meus amigos.</i>
Tayson Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Vou para escola andando com a Thays, minha irmã mais velha, e passamos pelo campo e pelo gaparé, passamos pelo bar do meu avô. E, quando bate a campinha minha irmã me leva pra tomar banho no garapé. Eu tomo banho, eu pesco, eu brinco, eu pego no peixe, eu vou com meu pai no balneário.</i>
Miguel Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>Vou todo dia no rio, antes de vim pra escola, com a minha irmã, tomar banho.</i>
Cassio Souza da Costa (06 anos)	<i>Eu brinco fora de casa, na rua com meus colegas. Eu vou tomar banho no garapé do Leleio com meu pai.</i>

Fonte: Projeto de Extensão, 2023. Org.: As autoras.

As falas transmitem também histórias como a do lobisomem, da matinta pereira, da cobra grande e da mãe da lua, que são evocadas em momentos de entretenimento. Mostram que as crianças do quilombo Piratuba têm histórias e experiências únicas.

Quadro 3 – Narrativas de histórias e lendas

CRIANÇAS	HISTÓRIAS E LENDAS
Cássio Souza da Costa (06 anos) A lenda do Urutal ou mãe da lua é um relato pessoal.	<i>A lenda do Urutal é mãe da lua, que os homens queimaram a floresta toda e ele sobe no pau e fica chorando pra lua, e ele aparece por aqui direto. Ele é um pássaro e o barulho que ele faz é muito assustador, chega dá medo.</i> <i>Meu pai já me contou a história do fantasma da mata, que. É um mostro coruja, e que não pode ir pra mata de noite porque tem esse bicho lá. É meu pai falou uma vez que a visagem tinha matado meu gato.</i>
Tayson Ferreira dos Santos (06 anos)	<i>O meu pai contou que ele foi pro mato caçar e tinha uma ranha muito preta e grande no jambo na árvore e ele atirou no jambo pra matar a aranha e ele deu pro gato comer, ele também atirou no camaleão mas não pegou e o camaleão fugiu.</i>
Dhemily dos Santos Cardoso (06 anos)	<i>O lobsomen ele é metade lobo e metade homem e quando tá a lua grande lá no céu ele fica latindo</i>

Fonte: Projeto de Extensão, 2023. Org.: As autoras.

As histórias também estão na fala dos adultos, como a da liderança e professora, Wilma Ferreira:

Aqui no Piratuba a gente sempre ouviu história de Matinta Perera, de lobisomem. Pra cá tem uma vila aí atrás, e a família que morava na época lá, dizia que tinha um homem que passava toda noite no quintal deles, sendo que a mulher amarrava o arame pra estender roupa e esse homem, de noite, passava e tirava o arame, jogando no chão. A mulher, noutro dia suspendia, e vinha a noite e esse homem tornava jogar no chão, e assim ele fazia, todo tempo passava lá e fazia isso pra eles (Willma Ferreira, 2024).

Igualmente aos adultos que sabem e transmitem, percebemos que a fala é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois configura-se vetor de aprendizagem de comunicar suas ideias, de se expressar e interagir no seu grupo de pares e na comunidade, família ou escola. A fala é uma forma de aprofundar o pensamento crítico desde cedo. Nesse sentido, os profissionais da educação podem ajudar as crianças sobre o direito de falar e, assim podem aprimorar habilidades cognitivas, linguísticas e sociais, por meio de um ambiente escolar com ricas e potenciais possibilidades para as crianças.

No lugar, a fala das crianças transmitem tradições culturais do quilombo, a partir de histórias de ontem e de hoje, histórias criadas, recontadas, reais. Pela fala se argumenta frente as realidades do dia a dia, como exemplo, sobre o acesso a educação, a identidade cultural do lugar, em constante mudança.

Que tal, a linda história de vida, de Miguel Ferreira dos Santos (6 anos).



Imagem 5 – O menino. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.

Miguel gosta de estudar, embora sua casa fique um pouco longe da escola, na estrada Piratuba. Para o menino, o que mais gosta nela é do recreio, por conta da merenda e de brincar. Em casa, ele assiste desenho sendo os preferidos a ladybug e Cat Noir, de brincar de carro, de moto, de bicicleta na estrada. Gosta de brincar de baladeira e com o gatinho - dou comida pro gato (mato) e, a noite, dou comida de verdade. Ele reside com sua avó, mais a mãe, o pai e a irmã e, conta também, com o cachorro e a galinha. É um menino comunicativo, que costuma contar histórias reais e lendárias. Por exemplo, contou como sua mãe faz ovo cozido da galinha: põe o ovo na água e, depois, no fogo. Quando borbulha, o ovo está pronto pra comer. Ainda, da culinária regional, gosta de tomar açaí todo dia, talvez, por isso, sabe apanhar o fruto.

Segundo o menino, sua mãe cuida dos afazeres domésticos como a comida e a limpeza da casa e, seu pai, trabalha na oficina pro seu Jacaré (um senhor), além de matar tatu na roça e pescar no rio Piratubão e em outros igarapés que ficam próximos da comunidade.

Miguel sabe muitas coisas do lugar. Informou que sua vizinha Regina vende iscoisas e baladeira. Que ele mata o passarinho com a baladeira e depois come, pois segundo ele, se não comer joga no quintal e fica fedendo. Ele, considera tudo bonito no Piratuba, a escola, o rio. No rio costuma ir diariamente antes de vim pra escola, vai com a irmã tomar banho. Lá, faz mortal dentro d'água.

O menino ama está com os amiguinhos da comunidade, brinco com o Thayson, a Ana Clara, a Samili, o Eduardo, a Nayane e a Yasmin.

UM POUCO MAIS, DO QUILOMBO PIRATUBA

Costumes e tradições

Quando eu vou pra casa da minha avó eu converso com ela. Eu conto história pra ela, conto quando aparece cobra e bicho lá em casa (Tayson, 6 anos).

Eu gosto de tá no mato para ver os bichinhos que tem lá e, às vezes, meu pai me leva com ele (Cássio 06 anos),

Eu não falo muito com meus pais. Eles falam comigo pra mim entrar ou pra mim não brincar com macho, só com menina. Eu falo, pai eu só tô brincando com menina. Mas eles não deixam eu falar, quando eu começo a falar eles mandam eu ir pro quarto e depois mandam eu sair do quarto. Os meus irmãos, o André e a Cibely, eles não mandam, só eu, porque sou pequena[1].

Brincares e ludicidade

Gosto de falar pra mamãe levar a gente pra ponte, pra tomar banho, mas ela não gosta. Só o papai que leva a gente pra ponte (Samilly, 6 anos).

Eu amo quando a gente vai tomar banho de rio. Eu vou com os meus primos e a gente brinca muito (Yasmin, 06 anos).

Histórias do Piratuba

Tia Vilma contou que quando ela tava na casa dela, apareceu um passarinho com um bico grandão e pra baixo, e ele comeu o pato dela. Quando ela viu o pato tava morto e ela pegou e jogou ele fora e o urubu veio comer. E da outra vez, o pato dela tinha sumido e ela foi ver, o cachorro tinha comido o pato. Ela conta mais histórias, mas eu não lembro (Tayson, 6 anos).

Eu lembro da história de uma mulher que deitava na cama e sonhava, sonhava que ela era uma boneca (Samilly, 6 anos).

Caminho da Escola

A Cibely, minha irmã, ela é grande e a gente vem andando. Eu moro aqui perto da escola, antes do garapé (Samilly, 6 anos).

Eu venho andando pra escola, passo pelo campo, pelo garapé e pelo bar do meu avô. Quando bate a campinha minha irmã me leva pra tomar banho do garapé (Tayson, 6 anos)

[1] Optamos por preservar a identificação da criança.

TERRITÓRIO VIVIDO E OS DESENHOS QUE NARRAM

O rio Piratubão

A partir das cirandas de contação, das observações no entorno da comunidade e das entrevistas, podemos dizer que o braço de rio (o Piratubão) esteve presente em todas as falas relacionadas ao que mais gostam na comunidade. Assim, o rio é um forte elemento ancestral presente na comunidade. Desde a fala dos adultos e crianças, até o cuidado dos mais velhos com ele, vemos que as pessoas limpam, cuidam, servindo, inclusive, exemplo para os mais novos. Nessa vivência muitas falas como *eu vou tomar banho de rio todo dia*, mostra quão vivo é o rio como elemento ancestral na comunidade.

Imagens 6 e 7- Sobre o convívio com o rio. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.



O rio Piratubão representa, por vezes, a fartura que o próprio nome carrega, como mencionamos. Ele oferece água para consumo, para irrigação das plantações, além de integrar o ecossistema e ambiente do lugar. Ademais, ele é cenário/espço de diversão para todos na comunidade, pois se banham e brincam todos os dias, alguns pela manhã outros pela tarde, outros em ambos os horários.

Sobre o quilombo as crianças não souberam informar com clareza, tornando-se uma questão sombreada durante os diálogos. No entanto, sabem que moravam nesse território: *Comunidade Ramal Nascente de Quilombolas*, Piratuba (Tayson, 06 anos). E demonstraram por meio de desenhos seus entendimentos e significações de coisas, elementos e a natureza do lugar.

Ouvimos as seguintes falas sobre o lugar: eu gosto muito de comer peixe ou eu já vi uma cobra tia, que meu pai matou uma. São falas de quem convive próximo das matas, rios e igarapés, e de outros seres. São falas de entendimento deste lugar vivido, ou mesmo, de escuta sobre aspectos ecológicos narrados pelos mais velhos. Abaixo, podemos observar através dos desenhos, um pouco desta natureza narrada pelas crianças.

Desenhos 1, 2 e 3 – Sobre elementos do Piratuba



Fonte: Registros do projeto, 2023.

Os desenhos evidenciam peixes, árvores, flores, passarinhos, jacarés, e que nos situam, fazendo-nos refletir sobre como os elementos naturais/sociais são importantes para elas, pois neste cenário se agrupam, realizam suas brincadeiras, se exercitam e experimentam-se processos educativos informais, ou seja, são espaços de socialização pessoal, desde a cultura. As crianças daqui têm a oportunidade de explorar a natureza e aprender sobre plantas e animais que habitam neste território, e pensar/falar sobre como preservar o território com suas matas, árvores, rios, gentes, histórias e memórias ancestrais.

As brincadeiras ao ar livre também são comuns, como a menina Samily (06 anos) relatou *eu brinco de pira mãe e pira alta e vou tomar banho de garapé com meu pai, e a gente brinca de tudo isso na água, a gente pula e brinca na rua e, eu gosto muito*. As crianças assim, desenvolvem habilidades sociais e físicas além da diversão. Desde cedo, tem o contato com a natureza de seus corpos, associado ao pertencimento e a identidade cultural, desde o convívio com o território.



Imagens 8 e 9 - As crianças nos espaços do território. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.

Como parte do projeto, houve a troca de brincadeiras de origem africana, algumas identificadas como parte do repertório brincante e, outras, brincadeiras praticadas pelas crianças.

Achei meio estranho, mas depois achei legal. Eu gostava de ouvir as histórias e desenhar (Samilly, 6 anos). Nesse tom, expressado por esta menina, houve troca de conhecimentos e de experiências lúdicas. Algumas das brincadeiras realizadas durante as Oficinas foram: a) Pelo Projeto: Neéz deguíaan, Banyoka, O silêncio é de ouro, Terra/mar; b) Brincadeiras praticadas por elas: pira pega, pira cola, pira alta e ciranda cirandinha. Dessa forma, como dito, buscamos identificar características do Quilombo Piratuba, com base nos saberes, vozes e sentidos de meninos e meninas.

Neste embalo do vivido, foi alvo de debate a canção do Piratuba[1]:

Nasci neste lugar, de nome Piratuba. Se você não sabe o que é? É a língua tupi Guarani. O Pira vem, de piracema. O tuba é de muita fartura. Piratuba é um igarapé muito grande e abundante. Vem, vem que existe nesse igarapé, grandes quantias de peixe até o peixe poraquê.

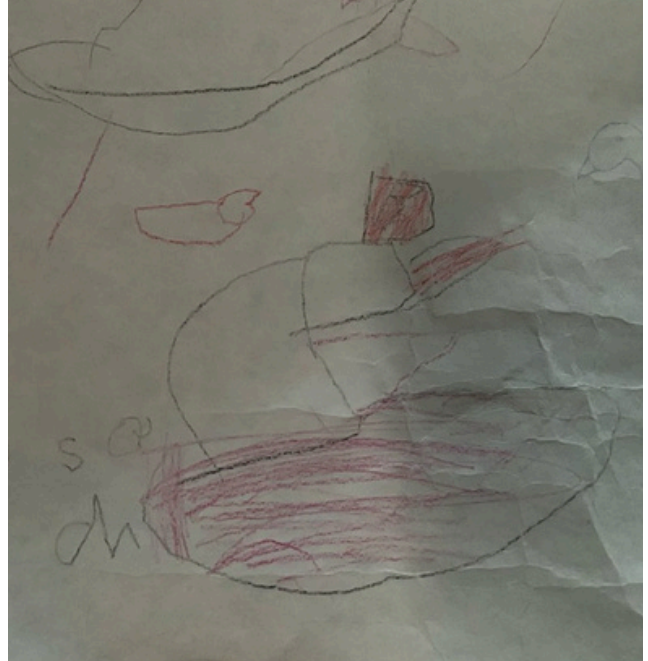
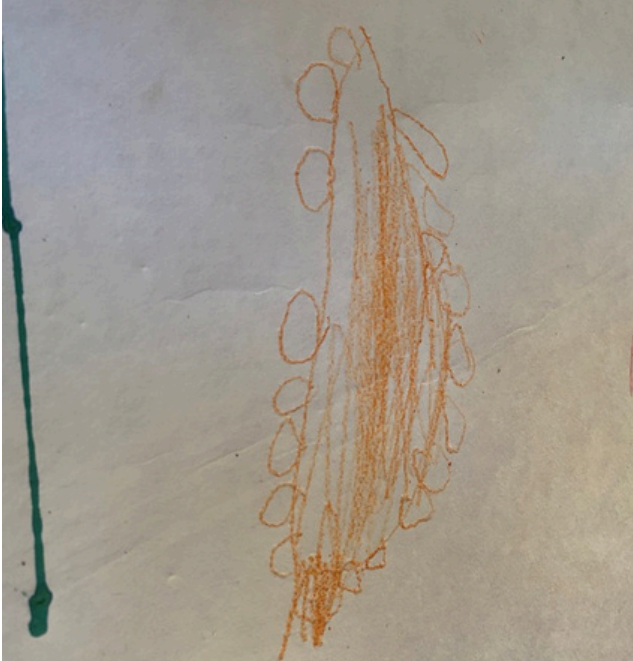
As crianças cantaram repetidas vezes a canção, que é transmitida pelos pais, tios, avós ou mesmo professores. No momento de conversa entre os envolvidos, alguns elementos citados pelas crianças foram o garapé (Miguel, 6 anos), as árvores (Yasmin, 5 anos), os animais e tantos outros, remetendo ao contexto do território. Neste ponto, a obra “o que é educação” de Brandão (1993), mostra a força do humano em diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo e a consciência. Sendo assim:

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescente, jovens, adultos e velhos [...] os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem, premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existem, veem fazer e imitam, são instruídos pelo exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer (Brandão, 1993, p. 8).

Vemos que o saber é parte do construto social, transmitido em um determinado grupo e pelas pessoas a outros, gestando sentidos do aprender-e-ensinar. Logo, tem importância vital falar e, falar da ancestralidade, como aprendizado coletivo de determinado grupo. Este falar, como pautamos no projeto, teve a intenção de nos conectar com nossas raízes, nos levando a entender melhor quem somos, de onde viemos, de as crianças saberem um pouco mais de sua identidade cultural, histórica e até mesmo genética, portanto, teve validade política e cidadã. De nos fazer entender a ancestralidade brasileira, amazônida, paraense e lidar melhor com a diversidade, cujo legado diz dos antepassados na história.

Ainda, sobre o território vivido, a produção de desenhos ocorreu de forma natural e simples, as crianças através dos desenhos demonstram o seu cotidiano e como é para elas viver em um território rico em elementos naturais e de memórias. Miguel (05 anos), desenhou um ônibus, *porque vejo ônibus quando venho pra escola com a minha irmã* (imagem 4). Os demais retrataram o Piratuba identificado, também, com um barquinho e peixes (Samilly imagem 5), Ambos os desenhos elucidam elementos presentes na comunidade.

Desenhos 4 e 5 – Sobre o Piratuba



Fonte: Registros do projeto, 2023.

Imagem 10 - Um fragmento da rotina do Piratuba. **Fonte:** Registros do projeto, 2023.



Para se implementar uma pedagogia antirracista, inclusiva, portanto, contextualizada, desde a educação infantil, é necessário ouvir, observar e deixar a fala ecoar de todos/todas entre si. Respeitar/Reconhecer o saber das crianças. Para isso, é fundamental construir materiais com base na cultura e no cotidiano do território e da ancestralidade quilombola do Piratuba, com sua cultura, costumes e modos de vida. Seguir, na escola e com as crianças pela oralidade e com as histórias infantis. Realizar diálogos em que crianças sejam valorizadas e incluídas.

Tais perspectivas sinalizam para os corpos das crianças se manifestando livremente e com a vontade de aprender. Corpos políticos e amorosos, associados a ancestralidade afro-amazônida. E cabe aos educadores entender melhor todos esses processos e assuntos referente a educação da infância amazônica, em sua diversidade.

Como síntese, ousamos dizer que as narrativas das crianças colocam o rio como elemento ancestral, e integrante do convívio em suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes.** Maria Aparecida Silva Bento, 2012.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. **Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura** – Volume 1. Série Obras Escolhidas. 3ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 28ªed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FERREIRA, Santos, Marcos. **Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku.** In: SECAD/MEC. (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03. 1ed. Brasília: Exições MEC/BID/UNESCO - Coleção Educação para Todos, 2005, v. 1, p. 205-229.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações.** São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Em busca de uma ancestralidade Brasileira.** São Paulo: editora Angra, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação.** (RESAFE), (18), 2012.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

POJO, Eliana Campos Toutonge/UFGA. **Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças.** Abaetetuba: UFGA, 2023.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Rio de Janeiro: Imago ed; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUSA, Andréia Lisboa de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Cantos e Re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras.** In: SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 246 (Salto para o futuro).

Entrevistas

CARDOSO, D. dos Santos. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

COSTA, C. S. da. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

SANTOS, M. F. dos. **Entrevista à Eliana Pojo**, [nov. 2023]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

SANTOS, Y. F. dos. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [nov. 2023]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

FERREIRA, S. C. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (50 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

FERREIRA, W. C. **Entrevista à Eliana Pojo**, [abr. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (30 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.

SANTOS, T. F. dos. **Entrevista à Wanessa Rodrigues**, [mai. 2024]. Abaetetuba: UFPA, 2023. 1 arq. mp3 (40 min). Entrevista concedida ao Projeto de Extensão Encontros afro-amazônicos de tradição oral (AYÓ), do Grupo de Pesquisa De Bubuia Amazônica da UFPA/CNPQ.



Universidade Federal do Pará
Pró-Reitoria de Extensão - Programa Eixo Transversal
Edital Proex nº 03/2023



Grupo de Pesquisa e Extensão *De Bubuia Amazônica* (UFPA/CNPQ)

Projeto de Extensão - Encontros afro-amazônicos de tradição oral
(AYÓ): espaços culturais e lúdicos para crianças

Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Nossa
Senhora do Perpétuo Socorro

Comunidade Quilombola Piratuba-Abaetetuba/Pa

Crianças coautoras

Cássio Souza da Costa
Dhemily dos Santos Cardoso
Miguel Ferreira dos Santos
Samily Cardoso Ferreira
Tayson Ferreira dos Santos
Yasmin Ferreira dos Santos